



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6509 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Negros como Agentes: diálogos entre Molefe Kete Asante e Maria da Conceição dos Reis.

Carlos Horácio Correia - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Cláudia Vicente da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

NEGROS/AS COMO AGENTES: DIÁLOGOS ENTRE MOLEFE KETE ASANTE E MARIA DA CONCEIÇÃO DOS REIS.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo analisa o agenciamento do negro e suas experiências na afirmação da própria identidade. Utilizaram-se como ponto de partida as contribuições de Molefe Asante com a perspectiva teórica da afrocentricidade[1] e o capítulo “Passos para afirmação da identidade negra” da obra Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil, de (REIS 2012)[2].

A problemática sugere uma reflexão e compreensão sobre os conceitos de consciência e autoimagem que são usados pelos autores como sendo fatores fundamentais na construção da identidade negra. O primeiro conceito é trabalhado por Asante para referir um nível de reconhecimento, de envolvimento na libertação da mente que é determinante para a consciência coletiva. O segundo conceito é trabalhado como sendo o reconhecimento de si a partir das experiências que vai adquirir na relação com o coletivo, porém, a autoimagem representa o conhecimento que a pessoa constrói sobre si mesma como ‘eu’ e como ‘nós’, construção que se estabelece desde sua infância no convívio com os outros. (REIS, 2012).

Partindo destes pressupostos percebe-se que a construção da identidade negra está intrinsecamente ligada às experiências do meio social. Assim, as relações sociais e o processo de socialização influenciam na construção da identidade, que engloba valores, normas, afetividade e reconhecimento de pertença de um grupo social. A identidade também pode ser construída através de motivações individuais e pela capacidade racional dos indivíduos, permitindo-os criar, interrogar o seu meio fazendo suas próprias escolhas. Deste modo, o indivíduo ganha autonomia na medida em que adquire liberdade de opções dentro do seu meio social.

Coletivamente ou individualmente, os negros têm ultrapassado sérios desafios para construção das suas identidades. O fato é que eles foram transferidos fisicamente da África por meio de tráfico humano e escravização, o que condicionou também a um deslocamento intelectual, filosófico e cultural. Desta maneira, sabe-se que falar da identidade do/a negro/a retorna ao sentido da africanidade, da presença das raízes africanas no mundo, as quais extrapolam os limites geográficos do continente africano e se estende da diáspora a diferentes lugares onde a cultura africana foi sendo ressignificada e constantemente lembrada nos modos de vida de seus descendentes.

Na relação indivíduo e sociedade se estabelece uma tensão na pessoa negra, oriunda da história de escravidão na sociedade brasileira que, na atualidade, ainda assume postura de manutenção de uma condição social inferiorizada. É difícil romper as barreiras, principalmente quando as estruturas das relações sociais de poder estão bem fundadas, com resistência às mudanças, (REIS, 2012).

Para responder a esses desafios, (ASANTE, 2014) propõe cinco níveis de transformação que ajudam a capturar a verdadeira essência de alma negra: 1º- reconhecimento de pele; 2º- reconhecimento do meio; 3º -consciência da personalidade; 4º -apropriação-interesse e, por último, consciência afrocentrada. Enquanto que (Reis 2012), avança com três etapas que provocam transformação na trajetória do negro, destacando 1º a autoimagem, 2º o pertencimento étnico-racial e como 3º a afirmação política.

No primeiro momento do artigo, apresentam-se os procedimentos metodológicos usados para realização da pesquisa, que consistirá no recolhimento de informações sobre o assunto em causa, a partir da análise documental. Depois, mostram-se os resultados do estudo, extraído com base nos documentos consultados, os quais forneceram subsídios teóricos para reflexão da identidade negra, embasados nos pressupostos de Asante e de Reis.

2. METODOLOGIA

Como metodologia, o estudo foi norteado pelos fundamentos teóricos de Molefe Kete Asante sobre a afrocentricidade e os resultados do capítulo “Passos para afirmação da identidade negra” da obra Educação, Identidade e História de Vida de Pessoas Negras Doutoradas do Brasil, de autoria de Maria da Conceição dos Reis. Nesse sentido, foi realizado estudo bibliográfico a partir de artigos e livros de Asante, e outros organizados por estudiosos que falam sobre o fundamento teórico da Afrocentricidade.

De igual modo foi efetivada a consulta documental do capítulo da obra de Maria da Conceição dos Reis, tendo nos fornecido conceitos que cabem dentro do debate levantado por Asante para a reflexão da identidade negra. A análise e interpretação dos resultados foram obtidos com base nas leituras minuciosas sobre os escritos dos autores referenciados, que conduziu o presente estudo à composição meramente qualitativa.

3. RESULTADOS

Identificamos que os pressupostos de Molefe Asante reconhecem que os negros enfrentam muitos obstáculos na construção das suas identidades, tanto pessoal, quanto coletiva. Na

verdade, a dificuldade está relacionada com o deslocamento. O sucedido foi que ao invadir a África, colonizaram e exterminaram o agenciamento africano, impuseram doutrinas que reprimiam a cultura africana, projetando a ideologia ocidental como superior, institucionalizando, com isso, a lógica da inferioridade da negritude.

Atualmente, o impacto da hegemonia europeia de ideias, informações, conceitos e valores invadiu os africanos de uma maneira tão violenta física e intelectual que, muitas vezes, eles perdem o sentido de seus próprios centros culturais. A fim de retornar a uma consciência autêntica, Asante (2014) propõe ser necessário aos povos africanos que eles vissem a si mesmos no meio de sua própria história e não às margens da Europa. Isso significa que é essencial retornar às civilizações clássicas da África antiga para inspiração e orientação. Fazendo isso por meio de imersão de figuras negras, estudiosos como Cheikh Anta Diop, William Edward Dubois, Aimé Césaire, Kwame Nkrumah, Maulana Karenga, dentre outros, procuraram resgatar a imagem deteriorada do negro, partindo da premissa de que se deve corrigir e criticar toda forma hegemônica europeia que ofusque coletivamente os negros na experiência do deslocamento físico, psicológico e cultural, existindo a necessidade de realocar num lugar centrado, ou seja, centralizar o negro como agente da sua própria identidade, autoconsciente e insatisfeito em serem definidos e manipulados por fora (ASANTE, 2014; 2009; FINCH III; NASCIMENTO, 2009; NOUGUEIRA, 2010; MAZAMA, 2009).

Quanto à experiência do deslocamento físico, psicológico e cultural do africano, (REIS, 2012) demonstra que a transferência do africano influenciou negativamente para a construção da identidade negra no Brasil, uma vez que a história da escravidão na sociedade brasileira, no contexto vigente, ainda assume postura de manutenção de uma condição social inferiorizada, desvalorizada e que desconhece a sua história. Quando, pelos seus fenótipos negróides, é reconhecida socialmente como negra sofre discriminação racial, ficando ainda mais acentuado quando na configuração do seu meio social, não tem referência e apoio para entender este processo.

4. DISCUSSÃO

A construção de identidade está associada à relação entre indivíduo e sociedade. Segundo (ASANTE, 2014), a soma total de toda a consciência individual constitui a consciência coletiva. Assim, cada pessoa negra deve reconhecer a sua história para poder corrigir os erros de um passado comum. Sabe-se que o núcleo coletivo de ser negro é africano, apesar de várias aparências físicas e níveis de consciência, havendo um povo africano por virtude de compromissos, histórias e convicções.

Desta forma, a Afrocentricidade superficialmente está relacionada com a cor da pele e, mais precisamente, com um olhar filosófico determinado pela história (*idem*). Ainda neste enfoque (ASANTE, 2009) afirma que:

“A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, p.93 2009).

A lógica desse pensamento é quebrar com o mito do universalismo e etnocentrismo eurocêntrico, que centraliza a história, a cultura e a experiência europeia como sendo a única história, única cultura e única experiência a serem consideradas como modelo universal a ser

seguido por todos, além de ensiná-los nos vários espaços e instituições do mundo. Essa forma de pensar, organizar e manejar o mundo, além de, oprimir outros povos, busca desumanizá-los em sua própria experiência.

Assim, tem-se mantido os processos de coisificação do negro e de sua cultura, “com a intenção de desumanizar os [antes] escravizados e reduzi-los a um estado de nada, de não-ser. O sistema inseriu o processo de negação dos africanos e seus descendentes, demonizando sua cultura, proibindo suas práticas culturais e religiosas, cerceando sua liberdade” de várias formas. (SOUZA, 2012, p.49).

(ASANTE, 2014) apresenta a Afrocentricidade como teoria da mudança social na medida em que tem incorporado na vida de milhões de africanos do continente e da diáspora, um sentido revolucionário, por atacar as muitas falsificações da verdade e da atitude de auto ódio que tem oprimido a grande maioria de negros. Assim, a Afrocentricidade é proposital, tendo como objetivo proporcionar um verdadeiro sentido de finalidade, baseado em fato da história e das experiências.

O processo de construção da identidade tem início na vida de uma pessoa mesmo quando ela ainda não tem consciência do que esteja acontecendo. É através da teia de interdependências, existente entre as pessoas, que estas vão se compondo, se desenvolvendo, se transformando e se descobrindo. (REIS, 2012) mostra que as histórias de vida dos/as seus/as entrevistados/as evidenciam construções de identidades através de situações tensas e emotivas, que foram forjadas ao longo da história de vida deles/as.

Segundo (ASANTE, 2014) a Afrocentricidade tem a capacidade transformadora de nos ajudar a capturar a verdadeira essência de nossa alma. Há cinco essências que levam a transformação. O primeiro nível é chamado reconhecimento de pele, que ocorre quando uma pessoa reconhece que sua pele ou herança não consegue compreender a realidade mais além. O segundo nível é o reconhecimento do meio. Neste nível, a pessoa reconhece como o meio define sua negritude através de discriminação e abuso. O terceiro nível é a consciência de personalidade.

O quarto nível é a preocupação/interesse, onde a pessoa reconhece os três outros níveis e demonstra interesse e preocupação com os problemas negros e tenta lidar de maneira inteligente com os erros do povo africano. O quinto nível de consciência afrocêntrica, acontece quando a pessoa se deixa transportar completamente para um outro consciente de envolvimento na libertação de sua própria mente. Apenas quando isso ocorre podemos dizer que a pessoa está consciente da determinação da consciência coletiva (ASANTE, 2014). Associada a esta reflexão, encontramos na fala de Reis:

Quando a pessoa se reconhece na sociedade diante do que se é e do que conhece de si, de sua história, cultura e religiosidade, constrói uma autoimagem crítica, que a leva a se reconhecer e crescer como pessoa, buscando o pertencimento a uma ideologia, um grupo, um ideal, uma comunidade, para fazer surgir a autoimagem crítica do seu coletivo. (REIS, 2012).

Como um conceito dinâmico, a autoimagem pode estar atrelada ao contexto específico pelo qual uma pessoa passa e começa a ser, constituindo em sua vida a partir de suas experiências vividas nas várias configurações e das relações de interdependências. Chegando à fase adulta, a autoimagem continua sendo constituída, mas pode vir a se estabilizar criticamente, diante do reconhecimento e da consolidação da autoestima das pessoas (*idem*).

Para (REIS, 2012), a autoimagem da pessoa negra começa a ser constituída de forma acrítica quando esta pessoa, que vive numa sociedade desigual, como a brasileira, que foi colonizada e que passou pelo processo de escravidão, não valoriza e desconhece sua história. Quando,

pelos seus fenótipos negróides, é reconhecida socialmente como negra e por isso sofre a discriminação racial, e quando não tem, na configuração familiar, referência e apoio para entender este processo. No entanto, esta autoimagem, como não é estável, vai se modificando através da militância política e pode tornar-se crítica.

Há consciência da personalidade, quando uma pessoa fala como negro/a, age como negro/a, dança como negro/a e, come como negro/a, mas não pensa como negro/a. Pensar como negro/a significa pensar a partir de uma posição centrada, um lugar de sujeito, de um posicionamento de agente. Se uma pessoa é africana e pensa a partir de um posicionamento sérvio europeu, então há um sério problema (ASANTE, 2014).

Para entender a imagem inferiorizada que muitas pessoas negras têm de si mesmas, precisaremos relacioná-las com a história, a cultura, o contexto e às relações de interdependências entre si. Além das várias configurações, através do processo civilizador, que, neste caso, teve início quando denominaram as pessoas com determinados fenótipos, tal como o de negra. Por conta do processo histórico, a palavra ‘negro/a’ marcou e identifica essas pessoas e está bastante impregnada na sociedade e nos brasileiros que vivem situações bem particulares.

A História dos africanos e dos afro-brasileiros é marcada por um longo processo de luta por aceitação. Por terem seus fenótipos, predominantemente, negroides durante muito tempo, grande parte da população negra brasileira teve sua aparência marginalizada, acarretando por meio disso um processo de negação de sua própria identidade. Ainda hoje, a história destes conceitos atribuídos aos africanos pelos colonizadores marca negativamente a população negra no Brasil. (REIS, 2012).

Na verdade, a cultura é o estágio mais revolucionário de consciência, ou seja, cultura no sentido em que Amílcar Cabral, Frantz Fanon, Ama Mazama e Maulana Karenga escreveram. Ela encontra-se ao mais alto nível da educação e inclui ciência, música, engenharia, arquitetura, dança, arte, filosofia e economia. Quando nos movemos fora do quadro eurocêntrico, nos tornamos mais inovadores. Sabemos que é difícil criar livremente quando usamos os temas, estilos, imagens e perspectivas de outro. Assim, a afrocentricidade é o total comprometimento com a libertação africana em toda a parte através de um esforço consciente para reparar qualquer dano psíquico, econômico, físico ou cultural feito aos africanos (ASANTE, 2014).

Uma das primeiras reações da pessoa negra que começa a se perceber criticamente no mundo é se reconhecer a partir do termo negro, afrodescendente– e não moreno/a, cor de jambo ou mulato/a (*idem*). Podemos saber o que está a acontecer com a sociedade, mas, ainda assim não saber como escapar dos seus problemas. É necessário ganhar a consciência de vitória, que significa resistência e liberdade de opções para ser livres, porque as escolhas são fatores determinantes. É necessária uma consciência, vitoriosa, poderosa, fundamentada na afrocentricidade para criar um imperativo nacional. Falar vitoriosamente, rejeitar a resignação, criar excelência e estabelecer valores vitoriosos. Conheçam sua história e sempre serão sábios (ASANTE, 2014).

As narrativas buscadas por (REIS, 2012) revelaram que o processo de construção da identidade negra – iniciando com a autoimagem acrítica, passando depois a se reconhecer e se valorizar através da autoimagem crítica – se estabelece a partir da história de vida de cada um, incluindo o processo educacional vivido neste percurso. Durante suas histórias, as pessoas negras revelam emoções e tensões, como situações de preconceitos vividos individualmente e coletivamente. Porém, são essas experiências coletivas que dão unidade à população negra que busca o pertencimento étnico-racial.

Uma revolução de símbolo baseada na afrocentricidade é necessária para a salvação da sanidade do povo africano, mas isso não vai acontecer enquanto os formadores de opinião, escritores, artistas, repórteres e professores não reconhecerem verdadeiramente nossas experiências históricas. Quando um/a escritor/a procura escrever sobre vida, morte, nascimento, amor, felicidade ou tristeza a primeira coisa que deveria vir a sua mente seria ele mesmo, seu povo com suas motivações. Escrever sobre seu próprio povo, é escrever sobre uma experiência universal de pessoas.

5. CONCLUSÕES

As experiências coletivas e/ou individuais dos/as negros/as demonstram que a realidade distorcida dos africanos tem sido determinante para inibir o processo da construção de identidade negra. Como o deslocamento físico, psicológico e cultural dos/as africanos/as influenciou para a invisibilidade da sua identidade quer no continente ou na diáspora. Muitos/as deslocados/as do seu centro não enxergam sua história e cultura, ou seja, estão deseducados/as, descentrados/as e culturalmente alienados/as.

Os afrocentristas procuram localizar todos/as os que se deslocam coletivamente ou individualmente das suas experiências para realocá-los/as em um lugar centrado, resgatando o seu agenciamento. Ao recentralizar a pessoa africana como agente, a Afrocentricidade força a hegemonia europeia a liberar seu poder de situar os/as africanos/as como marginais. Assim, a Afrocentricidade torna-se uma crítica da dominação que nega o poder da hegemonia cultural.

O exercício do regate dos/as negros/as deslocados/as ocorre a partir de um processo de transformação que passa pelo reconhecimento da pele, reconhecimento do meio, consciência de personalidade, preocupação-interesse, consciência afrocêntrica. De igual modo procura-se afirmar meios para a construção da identidade negra que se dá através de autoimagem, apresentando-se de forma acrítica e crítica, pertencimento étnico-racial e afirmação política.

E deste modo encontramos tanto na literatura de Asante, quanto no capítulo “Passos para afirmação da identidade negra” da obra Educação, Identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil, de Maria da Conceição dos Reis, traços que se coadunam para explicar o ser negro no Brasil numa perspectiva afrocêntrica, numa leitura do ser enquanto energia, uma vez que vive no plano físico da matéria, e sendo também emoção encarnada nos pensamentos mais secretos, que se constitui individual e/ou coletivamente.

6. Referências

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, E. L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

_____ **Afrocentricidade Teoria da Mudança Social.** Copyright Page. 2014

FINCH III, C. S.; NASCIMENTO, E. L. **Abordagem afrocentrada, história e evolução.** In: NASCIMENTO, E. L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 37-70.

MAZAMA, A. **A afrocentricidade como um novo paradigma.** In: NASCIMENTO, E. L.

(org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128.

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e Africanidades, ano 3, nº 11, nov. 2010

REIS, Maria da Conceição dos. **Educação, Identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil**. Tese de Doutorado. Recife PE:UFPE, 2012.

SOUZA, Tatiane Pereira de. **Áfricas: Processos Educativos Presentes no Terno de Congada Chapéus de Fitas**. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2012.

[1] Para mais informações ver: ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. Trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.

[2] Veja: Reis, Maria da Conceição. **Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil**/ Maria da Conceição Reis. – Recife: O autor, 2012.

Palavras Chaves: Conscientização, Autoimagem Afrocentricidade e Identidade negra.